



XII Colóquio Internacional
“Educação e Contemporaneidade”
São Cristóvão/SE/Brasil
20 a 22 de Setembro de 2018
ISSN: 1982-3657



Recebido em:
04/08/2017
Aprovado em:
05/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

“QUEREMOS UMA ESCOLA DECENTE!” LUTA POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL PÚBLICA DE QUALIDADE.

RAPHAELA DANY FREITAS SILVEIRA

EIXO: 1. EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

~~Resumo:

O presente artigo é resultado de uma ação coletiva provocada pela gestão e comunidade escolar de uma instituição de Educação infantil pública no município de Feira de Santana- Ba. A mobilização teve como principal objetivo envolver a comunidade na mudança estrutural dos espaços da instituição. É um relato de experiência que traz a importância do posicionamento crítico e político de todos os envolvidos no espaço escolar.

Palavras-chave: escola pública, espaços escolares, educação, política

Abstract:

This article is the result of a collective action brought by the school community and management of an institution of public education children in the municipality of Feira de Santana-BA. The mobilization aimed to involve the community in areas of structural change of the institution. It is an account of experience that brings the importance of critical and political position of all those involved in the school.

Keywords: public school, school premises, education, politics

~~A Escola Pública Brasileira: um pouco de história.

Faz-se necessário nos remetermos um pouco à história da escola pública, em especial no Brasil, para assim, compreender de que forma ela se “cristalizou” na nossa sociedade, de que forma ela foi/é vista, qual a sua função e a quem se destina.

A escola pública surgiu dentro de um contexto sócio-histórico, através de modelos de economia, de organização social e regimes políticos próprios da modernidade que a constituíram tal como nós a conhecemos atualmente. A ideologia e ideário social que nortearam a expansão da escolarização obrigatória em sistemas públicos de ensino estavam baseados na certeza de que a apropriação, por todos os cidadãos, de uma cultura “nacional” e “universal” era valiosa e fundamental; uma escola pública aberta a todos, indistinta, seria o instrumento básico de instituição das raízes, da “base” de cada nação. A equidade de cada instituição escolar devia ter como princípio norteador a laicidade e neutralidade, sendo administrada por uma unidade supervisora.

No Brasil nascente foi forte a influência jesuítica na educação brasileira, tendo fincado seu “poder” por 210 anos nas instituições, privadas e públicas, sendo este movimento educacional considerado o mais poderoso que já existiu.

A partir do movimento filosófico Iluminista, que aconteceu na Europa, no século XVII, começou-se a questionar o poder da fé e superioridade católica, tendo sido este movimento um dos motivos para se questionar o poder, inclusive

o poder econômico, dos jesuítas no Brasil.

Após a expulsão dos jesuítas e com a vinda da Família Real, em 1808, foram criadas as escolas e Academias para as meninas (elite), e para as classes populares, foi adotado o Método Lancasteriano através do qual muitas pessoas eram instruídas ao mesmo tempo, a um baixo custo. (ALMEIDA, 2000, P. 41-52)

Apenas no final do século XIX, com os ideais e fundamentos de Rui Barbosa, é que as discussões em torno de uma educação elementar e laica foi discutida mais fortemente. De acordo com Severino (1986, p.66), o laicismo foi a maneira encontrada pelo Estado para não mais aceitar a forte influência da Igreja em sua política. A ideologia não mais seria católica, e sim, com bases na ciência, neutra. Houve então a necessidade de instruir o povo para consolidar tal objetivo e a educação seria o “veículo” para esta consolidação.

As ideias de Rui Barbosa (1849-1923) não foram capazes, sozinhas, de criar condições para a efetivação de uma escola pública para todos. O Movimento dos Pioneiros da Educação, fortalecido nas concepções do positivismo de Comte e do pragmatismo de Dewey, reforçou a ideia de democratização do ensino e acesso à instrução para os trabalhadores para o processo de industrialização.

Nas décadas seguintes temos a contribuição de Paulo Freire (1921-1997) com uma proposta educacional que esteve muito voltada à formação do trabalhador, principalmente explicitando a preocupação com o domínio da técnica e relativizando as questões sociais e políticas.

Paulo Freire, embora nascido em família de classe média, dedicou sua vida à pobreza, e assim lutou pela escola pública de qualidade, pela escola popular, pela educação dos jovens e adultos trabalhadores. Este seu empenho e suas ideias revolucionárias levou-lhe, na época da Ditadura Militar (1964-1985), a ser preso e exilado.

A década de 1970 foi marcada pelo controle ideológico da política na educação formal. A universalização do ensino surge neste cenário, em que a escola é pensada para inculcar as ideias das classes dominantes na grande massa populacional.

Com o fim da ditadura, emerge as tendências mais críticas, como a histórico-crítica (SAVIANI, 2001), no entanto, apesar da redemocratização do ensino ser amplamente discutida, há um retorno às concepções da escola tradicional, escola nova e tecnicista.

A partir da década de 1990 a educação brasileira é marcada pela forte interferência das organizações multilaterais, que tem como grande meta a universalização do ensino fundamental, deixando a Educação Infantil “de lado”, o que é facilmente identificado através dos programas de baixo custo destinado a este âmbito.

O que vimos, na atualidade, é uma educação pública que se tornou mais acessível em relação a algumas décadas atrás, mas que, no entanto, não possui qualidade em seu serviço prestado, sendo esta uma realidade de poucas instituições. Em se tratando de Educação infantil, a problemática é ainda maior, pois envolve a má formação de profissionais, a precária adequação de espaços físicos, a falta de recursos financeiros suficientes para a construção ou manutenção das instituições, a forma como é pensada a proposta curricular, entre outros aspectos.

O que se constata é uma educação pública historicamente alicerçada em interesses da classe dominante e não ainda, pelo interesse de quem a utiliza, de quem a vivencia.

Quando há falhas nas políticas públicas, o que fazer Calar-se Aceitar que não há nada para ser feito Ou buscar a transformação por meio da ação coletiva

Diante do panorama assustador em que a educação pública está passando, vale a pena nos perguntar: o que tem sido feito pelas escolas As políticas públicas têm alcançado às reais necessidades que tem uma criança pequena Vêm-se muitas ações e programas do governo federal, a exemplo de documentos como os Indicadores de qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), Parâmetros de qualidade na Educação Infantil, (BRASIL, 2008) que foram publicados e que trazem grandes contribuições para debates e propostas de trabalho. No entanto, muito pouco tem sido feito para que de fato a escola, e em especial, a escola de Educação Infantil, alcance a qualidade tão desejada pelos educadores e pesquisadores desta área. Não por falta de proposições, mas por falta de aderência a estas proposições nos governos municipais.

O que é perceptível também é a forma como muitos professores reagem diante deste panorama: impassíveis, ou talvez, “desgastados”, cansados diante de tantas ‘lutas’. É preciso, pois, assumir uma postura crítica e política diante de tudo o que se é proposto. Desta forma, não cabe mais pensar o(a) professor(a) como aquele(a) que necessita apenas ser dedicado(a) e “gostar do que faz”. É preciso, segundo Freire, pensar e agir criticamente, e isto demanda profundidade e não superficialidade.

Assim, como podem existir educadores que não se “incomodam” com a realidade cruel, massacrante, humilhante em que são expostas, diariamente, as nossas crianças, nos espaços públicos escolares “De que” são feitos estes educadores Qual a sua essência

Seria injusto dizer que estes educadores, os mesmos que se “acostumam” com a dura e sofrida realidade, nada sentem, nada fazem para mudar. Muitos querem, lutam, tentam, mas acabam vencidos pela máquina poderosa do poder, que, de acordo com os seus interesses, muda a realidade se lhe convier.

A má formação e qualificação dos professores é apenas um dos grandes problemas enfrentados hoje na escola pública e não cabe, neste momento, aprofundar tal tema. Freire já dizia que a formação docente exige além do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, precisa de criticidade, o que não é característica peculiar da maioria dos professores que temos atualmente no Brasil.

A “democratização da sem-vergonhice”, e o “desrespeito à coisa pública” (FREIRE, 1997) tomou grandes dimensões no nosso país, mas por outro lado, gerou também muitas críticas e nos levou (o povo brasileiro) a agir e não perder a esperança. Os movimentos sociais crescem a cada dia e chegará um momento em que as respostas às nossas indagações serão dadas.

Mas, por enquanto, as inquietações, as dúvidas, as indignações são muitas: Por que os espaços escolares públicos, especialmente os de educação infantil são tão precários Onde estão as cores, o caráter lúdico, a “informalidade” De que maneira o poder público “enxerga” as instituições de atendimento à criança pequena Como uma escola de educação infantil “sobrevive” em meio à violência, caos, sujeira, “abandono”

Foram através destas e de muitas outras indagações e inquietações de uma “amante” da Educação infantil e da escola pública que foi pensado o Projeto “Da escola para a rua: todos nós somos um”. Um projeto que, mais do que buscar respostas, trouxe ainda mais dúvidas.

Como tudo começou...

Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE, 1997, p.64)

Não dá para mascarar a realidade da escola pública! Essa foi a primeira indignação, depois vieram outras mais.

Conhecer a escola pública, vivenciá-la e lutar por ela, muitos já fizeram e continuam fazendo. O grande mestre Paulo Freire foi uma destas pessoas. E, inspirada nas suas ideias, de luta, de indignação, mas, sobretudo de esperança, foi lançada a proposta de um projeto institucional, iniciado em fevereiro do ano de 2016, na Pré-Escola José Martins Rios e que ainda está em andamento.

A Pré-Escola José Martins Rios, situada no Bairro Rua Nova, na cidade de Feira de Santana-Ba, foi fundada há 20 anos com a finalidade de atender crianças na faixa etária de 3 à 6 anos. Está localizada em um bairro de classe média baixa, que vem, nos últimos anos se caracterizando pela violência, altos índices de roubos e assaltos, tráfico e uso de drogas por adolescentes. No ano de 2015 a escola foi diversas vezes invadida por estes usuários de drogas, que depredaram o prédio, roubaram instrumentos, merenda escolar e materiais pedagógicos.

Estes usuários de drogas utilizavam (até o início de 2016) o espaço da área externa da escola para dormirem, realizarem suas “trocas” e “negócios” com o tráfico, deixando o prédio impróprio para as crianças circularem, utilizarem.

Além deste, a escola vivenciava outro problema, o que necessitava urgente de mudança: a escola está localizada atrás do Centro de Abastecimento, um local de comércio de produtos agropecuários e artesanato, tornando-se um ponto de carga e descarga destes produtos, causando grandes transtornos, principalmente no que se referia à manutenção da limpeza na porta da escola. A instituição possui um belo jardim na sua entrada, no entanto, o mesmo tornava-se alvo de lixo causado pelos feirantes e caminhoneiros, além de os mesmos estacionarem seus veículos em cima dos canteiros, destruindo as plantas e flores.

As crianças e seus pais/familiares, ao chegarem na escola ou passarem pela porta, jogavam lixo pelo passeio, não preocupando-se com a paisagem local, além de não terem a consciência ecológica, de como seus atos prejudicavam a natureza.

Ao chegar à instituição em fevereiro de 2016 para assumir a direção, a nova gestora sentiu-se provocada a transformar esta realidade. Ao ver a situação do prédio, o descaso (político) com a situação, o descaso da comunidade que parecia estar acostumada àquela paisagem, a forma “tranquila” como os funcionários e professores encaravam a situação, não pôde deixar de sentir-se incomodada e desafiada.

Primeiramente, após breve ‘diagnóstico’ da escola e após ter sido ainda mais provocada, quando ouviu dizerem “Ah, você não vai conseguir mudar isto aqui... vá se acostumando”, a diretora tomou este desafio como prioridade na sua meta de gestão. E a indignação transformou-se em esperança.

Em meio ao caos, a esperança começa a tomar forma.

Em fevereiro de 2016, o prédio da escola de educação infantil, que deveria apresentar alegria, reportar à imaginação, criatividade e ludicidade, só transmitia, pelas fezes, lixo, mato, sujeira nas paredes, objetos quebrados, uma sensação de tristeza, abandono, um “canto” esquecido, um depósito para se “colocar” crianças.

Então, por um breve momento, a esperança tomou forma de ação, não por parte da gestão da escola no momento, mas do poder público: a prefeitura autorizou a recuperação da escola. Começou as reformas: pintura na parede externa, capinação, pequenos ajustes na parte elétrica e hidráulica e, quando a animação tomou conta de todos (gestora, professores, funcionários, pais e alunos), a empresa encerra o serviço, deixando a escola ainda com grandes problemas estruturais, dentre eles, alvenaria (azulejos) caindo, pintura das salas para fazer, reforma do parque infantil, e tantos problemas mais.

A empresa prestadora do serviço informou que a prefeitura solicitou a melhoria da aparência externa da escola por causa da inauguração de uma nova escola vizinha.

A diretora, através de diversas audiências na Secretaria de Educação solicitou reforma completa no prédio, em especial, no parque infantil, que seria demolido, caso a mesma não embargasse o trabalho. O parque, nada mais é do que um vão construído no pátio externo da escola, com apenas três manilhas para as crianças brincarem, sem cobertura, sem brinquedos, sem pintura. Este parque, quando foi construído, há 18 anos atrás, possuía brinquedos, mas os mesmos foram danificados pelo tempo e pela depredação sofrida na instituição ao longo destes anos, e nunca foi repostos.

Assim foi criado o Projeto “Da escola para a rua: todos nós somos um” com o objetivo de envolver toda a comunidade escolar (pais, alunos, professores, funcionários) na mudança estrutural e estética do prédio da escola, além de desenvolver a consciência ambiental de todos os envolvidos através da mudança paisagística. Afinal, “Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”, como diz Freire.

A primeira ação do projeto foi convidar toda a comunidade escolar para a apresentação do projeto, solicitando a participação efetiva na escola. Assim algumas metas foram traçadas: reforma do parque infantil, pintura do pátio interno, construção do jardim e horta, organização de oficinas de sucata, construção de brinquedos, reciclagem de lixo. Além destas metas, consideradas as mais urgentes, pois se referiam à mudança estética da instituição, outras ideias surgiram com a participação das próprias famílias e funcionários: promover aulas de música, dança, capoeira e teatro para as crianças. Algumas pessoas se propuseram a desenvolver tais oficinas.

Com a comunidade envolvida, cabia, neste momento, comunicar e solicitar o apoio das secretarias municipais para o desenvolvimento do projeto. A Secretaria de Educação forneceu muito apoio, dando um parecer favorável ao projeto e disponibilizando-se a ajudar no que fosse necessário. Mas necessitávamos de recursos financeiros e no momento não foi possível.

Quando se trata de apoio financeiro do poder público, a burocracia é tão grande que, ao invés de facilitar, só prejudica ainda mais o encaminhamento das coisas. Mas isto ocorre somente porque não temos, no Brasil, uma política pública voltada para a Educação, em especial à Educação Infantil, eficaz ao ponto de solucionar até os pequenos problemas enfrentados pelas instituições.

Se não houver mobilização por parte da sociedade, tudo permanece e permanecerá sempre igual. E como diz Freire (1998, p.113), “O que quero repetir, com força, é que nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso das maiorias compostas de minorias que não perceberam ainda que juntas seriam a maioria”.

E a comunidade reage...positivamente!

Após ter lançado a proposta do projeto à comunidade, a escola foi, no mesmo dia à noite, arrombada pelos supostos usuários de drogas, que faziam da escola o seu espaço de convivência, o seu “quintal”, a sua “casa”. Neste dia, deixaram a escola novamente depredada, levaram objetos da cozinha e brinquedos das crianças. E ainda, no outro dia, havia uma pessoa (um dos supostos “viciados” em droga) dormindo num dos espaços da escola.

Para a maioria das pessoas esta situação não foi muito diferente ou “chocante”, pois já haviam vivenciado situações semelhantes nos anos anteriores, no entanto, para a nova direção, foi mais um motivo de indignação. “Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidas os esfarrapados do mundo”. (FREIRE, 1998, p.15)

O que deveria desmotivar, foi apenas um “pontapé” para dar andamento ao projeto o mais rápido possível. Para esta situação foi solicitado à Secretaria de Educação e à Prefeitura, através de ofícios e abaixo-assinado realizado pela comunidade, que a segurança fosse reforçada. A escola possui muros muito baixos e não há vigilância noturna. Foi solicitado então o aumento na altura do muro e um vigilante durante todo o dia e à noite para que professores,

funcionários e crianças frequentassem a escola de forma segura.

Sem uma resposta positiva da prefeitura. A comunidade começa uma mobilização para resolver a situação. Inicialmente, sem verba e sem possibilidades de ajustar os problemas mais urgentes que seria a segurança na escola, a gestora resolveu seguir por outro caminho: o da conscientização da comunidade. Deixando-as se sentirem “donas” da escola, as pessoas, com certeza, não permitiriam que a escola continuasse servindo de alvo da ação dos “bandidos”, que são da própria comunidade. As famílias conhecem quem pratica estes atos de vandalismo. Então o próximo passo seria este: “trazer” a comunidade externa da escola para dentro dela.

A esperança transforma-se em concretude, em algo “palpável”.

Havia transcorrido quinze dias do início do projeto e nada havia acontecido de fato. Então, como meio de motivar a comunidade e dar início à tão esperada mudança nos espaços da escola, a gestora decidiu começar sozinha a mudança. Foi até o centro de abastecimento (em frente à escola) e comprou uma plaquinha de jardim. Com a placa na mão, solicitou doação de outras plaquinhas e enfeites de jardim para a reforma do jardim da escola. Conseguiu arrecadar três sacolas cheias de enfeites, como: sapinhos, placas, cestas etc. Levou-os para a escola e pôs no jardim situado bem na entrada.

Os pais, ao chegarem para buscar as crianças, perceberam os enfeites no jardim e pela satisfação. Atenderam a solicitação da gestora em participarem da construção do jardim; pais e funcionários, muito motivados, começaram a trazer novas plantas e enfeites para o jardim. A alegria e satisfação em ver este espaço ficando bonito foi contagiante! Deu-se início ao trabalho de consciência ecológica.

As professoras foram motivadas a construir projetos pedagógicos que atendessem a esta demanda e servissem de apoio ao projeto institucional. Cada turma começou a trabalhar temas diferentes, como reciclagem e coleta seletiva de lixo, cuidados com as plantas e animais, uso adequado da energia e água.

A diretora, não mais acreditando que pudesse se valer do apoio da Secretaria de Educação em termos de recursos financeiros, passou a envolver algumas empresas e comércios da redondeza. Após algumas doações de tintas, foi proposto o primeiro mutirão com a comunidade. O pátio ganhou uma amarelinha pintada no chão, como também uma trilha numérica para as crianças brincarem, uma pista de carrinho e um caracol. As mães que participaram deste momento pintaram as plaquinhas do jardim, que foram construídos por um funcionário. O parque foi pintado por um integrante da comunidade que trabalha no Centro de Abastecimento. A escola ganhou “visual” de Educação Infantil. A “boniteza”, palavra usada por Freire quando diz que o professor precisa encontrar boniteza em sua própria prática. A “boniteza” também precisa estar aos nossos olhos, aos olhos das crianças.

A partir deste dia não houve mais arrombamentos na escola, as pessoas passaram a cuidar da escola e a falar do trabalho desenvolvido em todo o bairro.

Quanto aos projetos que estavam acontecendo nas turmas. Uma turma, convidou um palestrante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente que ao chegar na escola interessou-se em realizar um trabalho juntamente com a instituição.

Instituído a parceria com a Secretaria de Meio Ambiente e através de um projeto social de uma grande rede de supermercados, foi realizado o “Dia da Mobilização”, em que funcionários desta empresa, estudantes e estagiários da Secretaria de Meio Ambiente e a comunidade da Pré-escola José Martins Rios, fizeram uma grande transformação paisagística nos jardins da escola. Foram plantadas várias mudas de plantas, árvores frutíferas e de grande e médio porte. O jardim ficou muito bonito, florido, bem tratado. A escola estava novamente ampliando seus espaços para a uma nova forma de se pensar a instituição de Educação Infantil.

De uma simples plaquinha de jardim, aliada à esperança de quem não deixa de acreditar na escola pública, uma grande transformação surgiu que envolve a mudança de pensamento, de valores, de educação.

Considerações finais

O projeto teve a duração de um ano, mostrou-se com um caráter diferenciado, tentando por meio do envolvimento das pessoas, mostrar-lhes que são responsáveis, mas que não devem deixar de buscar, de lutar e de conquistar o que é direito seu.

Assim, os resultados foram bastante positivos. A escola, que é constituída de todos, cumpriu o seu papel perante a sociedade. Resta-nos saber quando a política cumprirá o seu. Mas, não dá para esperar, não podemos ficar de mãos atadas. Enquanto a realidade muda lentamente, é preciso correr contra o tempo para que as crianças não sofram com esta vagarosidade que o sistema lhe impõe. E, como tão bem dizia Freire (1997, p.32),

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

E jamais desistir. Este deve ser o ideal daqueles que acreditam na educação pública de qualidade.

~~Referencias

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Indicadores de qualidade na educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

~~~~~. Parâmetros de qualidade na educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.